

TEIA DOS POVOS

Cadernos Macambira (ISSN 2525-6580)
V. 4, N°2, 2019. Página ***103*** *de* ***236***
Anais da 6ª Jornada de Agroecologia da Bahia.
Serrinha, BA, Laboratório de Políticas Públicas, Ruralidades e Desenvolvimento Territorial – LaPPRuDes
http://revista.lapprudes.net/ E-mail: cadernosmacambira@gmail.com

TRABALHOS CIENTÍFICOS (RESUMOS EXPANDIDOS): EIXO 2: MULHERES, ANCESTRALIDADE E O BEM VIVER

AS GEOGRAFIAS E HISTÓRIAS DO BAIRRO AVIÁRIO: IDENTIDADE E TERRITÓRIO

HENRIQUE OLIVEIRA DE ANDRADE
Professor do Instituto Federal da Bahia, Campus Feira de Santana – henriqueoliveira@ifba.edu.br
DAIANE SILVA OLIVEIRA
Professora do Instituto Federal da Bahia, Campus Feira de Santana – daibububa@gmail.com
ANTONIO CARLOS M. SANTOS
Estudante do Curso de Edificações no Instituto Federal da Bahia, Campus Feira de Santana – menezesantonio353@gmail.com
TIAGO ROCHA DE F. AZEVEDO
Estudante do Curso de Edificações no Instituto Federal da Bahia, Campus Feira de Santana –
ANA ALICE PEREIRA VITÓRIO
Liderança comunitária do Bairro Aviário

INTRODUÇÃO

Esse resumo tem como objetivo relatar as vivências no Bairro Aviário, localizado na cidade de Feira de Santana, Bahia, as quais consistem em realizar um mapeamento e estudo etnográfico do bairro, por meio do *Projeto de Pesquisa e extensão: As geografias e histórias do Bairro Aviário***,** este, assistido pela Política de Assistência Estudantil – PAAE, 2019 através do Edital 02/2019 e Projeto Pibic EM. Este trabalho é instigado pela localização do Campus IFBA Feira de Santana no Bairro Aviário e todos os discursos, ideias e imaginários construídos sobre e para este lugar, que politicamente defendemos como território de preto, por ser um Bairro com maioria de moradores/as de descendência negra. O Bairro é subdividido em Aviário I, II, III, IV e Conjunto Paulo Solto, mais conhecido como Cidade de Deus.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O entendimento do Bairro Aviário, estigmatizado pela violência e pelos rótulos, conhecido popularmente como bairro periférico e seus/suas moradores/as como uma população menos abastada economicamente e privada de direitos e serviços públicos de qualidade, justificou essa pesquisa que levantou a necessidade de situar o Bairro

e seus/moradores/as, trabalhadores e trabalhadoras[6], como protagonistas em seu território geográfico e em sua trajetória histórica, para isso há que se reivindicar seus moradores/as no foco de suas experiências e o IFBA como incentivador desse processo e nunca como delimitador de fronteiras.

Dessa forma, operacionalizar uma desconstrução das ideias negativas sobre o Bairro, trazendo a reflexão discursos deterministas e duálicos, lançando mão da prática etnográfica[7] para investigar os sentidos políticos e os dilemas sociais impostos a Comunidade em questão, considerando suas identidades individuais como protagonistas, construídas a partir da identidade coletiva. De dentro do que chamamos "miolo" do Bairro, o mapeamento se inicia no Conjunto Paulo Souto, também denominado popularmente como Cidade de Deus, o olhar etnográfico nos permite verificar a organização espacial de qualquer outra Comunidade, com ausência ou precarização dos serviços mais básicos, mas com sua própria subjetivação política.

Encontramos sujeitas, mulheres, a primeira é profissional Agente de Saúde; a segunda, mãe solo, dona de casa e trabalhadora braçal. As duas nos relatam sobre essa subjetividade política do lugar, mas decidida e protagonizada por mulheres pobres, em sua maioria sem marido e, sem casa, que numa articulação com o governo municipal, conseguiram construir com as próprias mãos, um Conjunto de casas no ano de 2013. Foi relatado que os/as moradores/as naquela ocasião tiveram a alternativa de ter suas casas construídas com os materiais e mão de obra fornecidas pelo governo municipal, casas para famílias de baixa renda com 1 banheiro, 1 quarto, 1 sala e 1 cozinha, ao questionar o tamanho da casa, esse grupo de pessoas propuseram para o governo municipal que o dinheiro reservado para pagamento da mão de obra, fosse convertido para compra de material e a força de trabalho para construção fosse dos próprios moradores, a questão é que esses moradores eram em sua maioria mulheres e sem marido, o que acabou desenhando um processo de construção executado por mulheres, daí a focalizando teórica no protagonismo feminino na produção do espaço e dos lugares. As ferramentas eram delas, casas construídas debaixo de muito sol, chuva e muita fome, pois a maioria não tinha renda mínima e o tempo para produzir renda foi dedicado a construção da moradia.

6 Conforme FELTRAN (2010), O par de categorias "trabalhador" e "bandido", muito acionado em diferentes perspectivas esituações de pesquisa, nesses anos, é tomado aqui como objeto heurísticode uma reflexão sobre as fronteiras que se desenham na compreensãocontemporânea desses territórios e populações. A partir da caracterizaçãodessas fronteiras, parece-me ser possível estudar as distintas modalidadesdo conflito político contemporâneo em torno das periferias urbanas brasileiras,bem como alguns de seus desdobramentos teóricos e analíticos. Ao tratar de "trabalhadores" e "bandidos" em diferentes perspectivas e situações etnográficas, portanto, este texto trata de disputas de significado que remetem a enfrentamentos práticos, por vezes muito violentos.

7 Como sugere MATTOS (1990), o conceito de etnografia é introduzido informando que fazer etnografia implica em: 1) preocupar-se com uma análise dialética da cultura: 2) introduzir os atores/as sociais com uma participação ativa e dinâmica e modificadora das estruturas sociais; 3) preocupar-se em revelar as relações e interações significativas de modo a desenvolver a reflexividade sobre a ação de pesquisar, tanto pelo pesquisador quanto pelos/as pesquisados/as.

Cadernos Macambira (ISSN 2525-6580)
*V. 4, N°2, 2019. Página **105** de **236***
Anais da 6ª Jornada de Agroecologia da Bahia.
Serrinha, BA, Laboratório de Políticas Públicas, Ruralidades e Desenvolvimento Territorial – LaPPRuDes
http://revista.lapprudes.net/ E-mail: cadernosmacambira@gmail.com

A alimentação era feita debaixo de um pé de jaqueira, onde o mesmo local era feito de descanso, nos momentos de paradas do trabalho, esse pé de jaqueira foi eternizado em uma pintura na Praça do Conjunto, em uma imagem que retrata todo esse processo. Um grupo de mulheres protagonizaram a construção de um conjunto de casas e toda uma organização espacial de como pensar um cotidiano, a partir de um entendimento sobre qualidade de vida, construindo uma casa que em vez de 4 cômodos, teve 5 cômodos. Juntamente com as casas do Conjunto populacional Paulo Souto também foi construída uma Praça, que é chamada de praça Ceu, que pouco tempo depois virou Sede do CRAS (*Centro de Referência de Assistência Social)* que atende não somente o bairro do Aviário, mas diversas comunidades próximas ao Bairro.

Nesses processos de subjetivação e protagonismo político – relações entre as dimensões íntima, social e pública – tomando as periferias como identidades coletivas, destacamos como as falas protagonizadoras e firmes foram perpassadas por experiências que definem essas figuras femininas como seres humanas localizadas na trama social do Bairro: a militante que vendera sua casa e saiu do Bairro por causa do estigma da violência; outra moradora que tem filho preso no presídio que se localiza no próprio Bairro; outra moradora que se orgulha porque o filho estuda no IFBA; a opinião política que destoa de toda uma consciência de luta; o conflito de moradoras que não tem acesso ao Cras por causa da divisão espacial articulada de forma criteriosa pela Prefeitura; os conflitos com a violência que é simbólica, concreta; o conflito com a polícia, com a política, com o tráfico e com o próprio eu. Assim o trabalho de campo seguiu e segue e, partindo desse cenário não propomos pensar essas mulheres e o próprio Bairro como vítimas de um tempo e de um lugar, mas como vozes na composição deste lugar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante salientar que, inferno ou paraíso, tudo depende do lugar social, político e cultural do o/a sujeito/a que fala e os elementos significativos dos quais se apropriam. Desse modo, não inferiorizar o/a morador/ra a partir dos estigmas, dos estereótipos, mas considerar outros conceitos na discussão como propõe Manuell Castells (1999), quando discute identidade como fonte de significado e experiências de um povo e um conjunto de atributos culturais inter relacionados, os quais prevalecem sobre outras fontes de significados. A discussão de Manuel Castells concentra-se na identidade coletiva e concorda com o ponto de vista sociológico de que toda e qualquer identidade é construída, como a identidade dessas mulheres, forjada por suas experiências positivas e negativas que envolvem luta, relações de poder, sensibilidades, autodefesas e alegria. Ressaltamos que o referido bairro luta e se articula diariamente contra as ações do estado promovendo estratégias de

organização e que o IFBA necessita estar a disposição da comunidade e se tornar um agente de desenvolvimento e transformação social e m comum acordo com os interesses da comunidade.

Palavras-Chave: Protagonismo feminino. Representações. Territorialidades.

REFERÊNCIAS

CASTELLS, Manuel. O poder da identidade. São Paulo, Paz e Terra, 1999.
FRANCO, Marcos e ROGÉRIO, Helcio. Sant Ánna da Feira, Terra de Lucas, 2012.
SCHWARCZ, Lilia Moritz Raça sempre deu o que falar. In: FERNANDES, Florestan. O negro no mundo dos brancos. 2. ed. rev. São Paulo: Global, 2007.
FELTRAN1, Gabriel de Santis. Periferias, direito e diferença: notas de uma etnografia urbana. Universidade Federal de São Carlos; Revista de Antropologia, São Paulo, USP, v. 53 nº 2. 2010.
CERTEAU, Michel. *A Invenção do Cotidiano*: 1. Artes de Fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.
NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História, São Paulo, n.10, dez. 1993, p.7-28.
CLIFFORD, J. Sobre a autoridade etnográfica. In: CLIFFORD, J. *A experiência etnográfica*: antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998. p. 17-62.
DAMATTA, R. O ofício do etnólogo, ou como ter "anthropological blues". In: DAMATTA, R. *Relativizando*: uma introdução à antropologia social. Petrópolis: Vozes, 1974. p. 150-173.
GOLDMAN, M. Os tambores dos mortos e os tambores dos vivos. Etnografia, antropologia e política em Ilhéus, Bahia. *Revista de Antropologia*, São Paulo: USP, v. 46, n. 2, p. 423-444, 2003.